

Copyright © 2015 by Sandra M. P. Ribeiro, Alberto Filipe Araújo et al.

Todos os direitos desta edição reservados à Zagodoni Editora Ltda. Nenhuma parte da obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja qual for o meio, sem a permissão prévia da Editora.

Revisão: Raquel Benchimol

Diagramação: Givaldo Fernandes

Capa: Uli Mirella

Editor: Adriano Zago

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P165

Paisagem, imaginário e narratividade : olhares transdisciplinares e novas interrogações da psicologia social / organização Sandra Maria Patrício Ribeiro, Alberto Filipe Araújo. - 1. ed. - São Paulo : Zagodoni, 2015.

272 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-64250-77-2

1. Psicologia social. 2. Psicologia. 3. Imaginação. 4. Arquétipo (Psicologia). I. Ribeiro, Sandra Maria Patrício. II Araújo, Alberto Filipe.

15-20422

CDD: 302

CDU: 316.6

[2015]

ZAGODONI EDITORA LTDA.

Rua Brigadeiro Jordão, 848

04210-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 2334-6327

contato@zagodoni.com.br

www.zagodoni.com.br

Sumário

Preâmbulo	7
<i>Sandra Maria Patrício Ribeiro</i>	

PARTE I – Paisagem, Imaginário e Narratividade

1 Da imaginação material à geopoética em Gaston Bachelard.....	17
<i>Jean-Jacques Wunenburger</i>	
2 <i>Chronos</i> , o tempo. Da mitologia grega ao relógio.....	31
<i>Eda Tassara; Marcello G. Tassara</i>	
3 A novidade e a morte	39
<i>José Duarte Gorjão Jorge</i>	
4 A <i>psique</i> no espaço: pertinência e imaginação do/no lugar.....	45
<i>Guilherme Scandiucci; Laura Villares de Freitas</i>	
5 O sentido da hermenêutica: hermenêutica da linguagem e simbolismo.....	54
<i>Luis Garagalza</i>	
6 O imaginário mítico da pós-modernidade. Um contributo a partir da metodologia de Gilbert Durand	68
<i>Alberto Filipe Araújo; José Augusto Ribeiro</i>	
7 Psicologia narrativa: subjetividade como ser em histórias	88
<i>Paulo Renato Jesus</i>	

PARTE II – Olhares Transdisciplinares

8 A natureza subjacente na cidade: córregos ocultos em São Paulo.....	101
<i>Vladimir Bartalini</i>	
9 Metamorfoses de Ouro Preto: os espaços oníricos de igrejas, torres, cruzeiros, e cemitérios como singularidades do imaginário ouro-pretano	106
<i>Alexander de Freitas</i>	

- 10** A pintura em Paraty: historicidade das categorias da experiência estética..... 117
Arley Andriolo
- 11** Mitopoiese de Tatá-Molambo: a história de vida de um “grupo” 136
José Carlos de Paula Carvalho; Denis Domeneghetti Badia
- 12** Matrizes do pensamento pedagógico dos anos 1960 e 1970: memória, imaginário e histórias de uma professora maranhense 142
Iduina Mont’Alverne Chaves; Adrienne Ogêda Guedes
- 13** O risco da morte como espetáculo da vida: tentativas de suicídio de prostitutas brasileiras na Europa 158
José Carlos Sebe Bom Meihy
- 14** Adaptação do AT-9 (Yves Durand) à arquitetura: para uma arquitetura sensível..... 167
Danielle Perin Rocha Pitta
- 15** Contribuição para a análise da dimensão simbólica do lugar. Arquétipo teste do Lugar com nove elementos (AtL-9)..... 184
Tania da Rocha Pitta

PARTE III – Interrogações

- 16** Assentamentos e bairros rurais. Caipiras e caiçaras: os casos de Cunha e Parati 197
Maria de Lourdes Zuquim
- 17** Relatos das ações institucionais articuladas entre o ICMBio e demais parceiros para a salvaguarda do patrimônio cultural e natural em Arraial do Cabo-RJ 218
Paulo Sérgio Barreto; Rafaela Farias; Viviane Lasmar
- 18** A dimensão lúdica das paisagens partilhadas..... 226
Flávia Tiemi Sugimoto; Euler Sandeville Júnior; Eugênio Fernandes Queiroga
- 19** O morador de rua interpela a Psicologia Social..... 240
Paulo Rodrigo Unzer Falcade
- 20** Histórias para habitar – memórias, moradas e trajetividades 250
Daniela Caielli
- 21** A paisagem viva da Liberdade..... 260
Danilo Sergio Ide

Preâmbulo

SANDRA MARIA PATRÍCIO RIBEIRO

Este é um livro coletivo que reúne textos de especialistas de diferentes áreas de conhecimento, alguns deles bastantes prestigiados em seus respectivos campos. Talvez, até o privilégio de escrever esta apresentação devesse ter sido concedido a alguém mais bem gabaritado do que eu própria. Contudo, que eu a escreva não é acidental, pois a iniciativa de reunir estes autores partiu de mim, e sei que, de certo modo, é esperado que eu venha explicar meus motivos; mas também não seria necessário, pois a produção de cada um deles tem um valor intrínseco, independentemente do lugar que ocupa nas minhas preocupações. De qualquer modo, achei oportuno compartilhar as meditações que, tempos antes da feitura deste livro, me levaram ao descobrimento destes estudiosos – uns seniores, outros juniores – pelos quais sinto profundo bem querer e cujos trabalhos despertam-me qualificado respeito. Necessário, sim, é reproduzir a velha fórmula: “nem todos precisam ler isto que escrevo”. Escrevo primordialmente para os meus alunos, e o que tenho a dizer poderá ter algum interesse apenas para alguém que ainda tenha mais perguntas que respostas. Os doutos e/ou sábios não encontrarão aqui nada de original ou impressionante – melhor saltarem diretamente aos capítulos que compõem o corpo do livro. Desnecessário é explicar por que adoto a primeira pessoa do singular em minha escrita, pois não?

Isto posto, voltemos ao início: estes textos foram, em sua maioria, apresentados durante o Colóquio Científico Internacional *Paisagem, Imaginário e Narratividade: olhares transdisciplinares e novas interrogações da psicologia social*¹, ocorrido em outubro de 2013, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O evento foi promovido pelo Grupo de Pesquisa “Mitopoética da Cidade: Experiência Subjetiva, Paisagem, Memória e Imaginação”, com o inestimável apoio do CNPq, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo e do PROAP/CAPES, através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho (PST). O encontro reuniu estudiosos de diversas

¹ O colóquio em questão começou a ser idealizado ao final da Disciplina PST5873 – *Cidade, Paisagem e Imaginário: Elementos para a Compreensão do Ethos Humano* – oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do IPUSP, pelos seus professores, Alberto Filipe Araújo (Universidade do Minho), Adriana Veríssimo Serrão (Universidade de Lisboa) e Sandra Maria Patrício Ribeiro (Universidade de São Paulo). A própria disciplina, por sua vez, constituiu-se uma das decorrências da cooperação estabelecida entre os mesmos professores, desde a realização do Seminário Internacional *Psicologia Social e Imaginário*, no IPUSP (24-26 de maio de 2011).

áreas do conhecimento, em torno das questões, abordagens e métodos de investigação e intervenção sobre o imaginário, as transformações da paisagem e as produções narrativas no mundo contemporâneo. Este livro visa disseminar os resultados do colóquio e, sobretudo, promover a continuidade do diálogo.

Dito isto, caberá agora voltar ainda mais, ao modo próprio de um preâmbulo, para explicitar a ideia que, recolhida das mais diversas fontes, presidiu a articulação do mencionado colóquio e, portanto, deste livro – nomeadamente, a ideia de “trajetividade” (trajetividade). Não se trata, de modo algum, de uma novidade; ao contrário, tal ideia marcou os pensamentos mais antigos de que se tem vestígios e, de um modo ou de outro, jamais esteve inteiramente esquecida. Claro: eu não poderia pretender, aqui, sequer esboçar estas longas linhagens; pretendo apenas indicar suficientemente uma “fresta” (dentre muitas possíveis) por onde possa ser vislumbrada.

Pode-se conseguir uma boa aproximação da ideia de trajetividade começando por lembrar de que se trata de uma derivação da palavra “trajecto” (ou “trajeto”) – do latim *trájectus*, passagem, transporte, carroto de um para outro lugar, passagem de mar ou de rio² e que, assim, vem a indicar o “espaço que alguém ou algo tem de percorrer para ir de um lugar a outro”³; um bom sinônimo para “trajecto” é “caminho”, que vem do latim vulgar *camminus*, e significa “estrada, vereda, via, trilho”⁴. Mas não se iludam: estas banalidades lexicais só parecem desinteressantes antes que tenhamos sublinhado certo aspecto presente na ideia de trajeto, a saber, sua natureza relativamente fixa ou, pelo menos, limitada. Ocorre que um “trajeto” não se define, e isto deve ficar claro, pela trajetória efetivamente realizada por alguém ou algo que se deslocou de um ponto a outro, define-se pelas contingências deste deslocamento. Dito de outro modo, um trajeto se define pelas possibilidades e impossibilidades de que algo ou alguém percorra o espaço que separa lugares distintos. Então, a ideia de um “trajeto” pressupõe o reconhecimento prévio de algumas coisas: primeiro, de pelo menos dois lugares distintos, separados por certa distância; segundo, de que esta distância impõe condições estritas para sua travessia; terceiro, de motivos que poderiam engendrar a necessidade ou o desejo de que algo ou alguém viesse a transpor o espaço que separa estes lugares; por último, deve-se reconhecer a possibilidade (passada, presente ou futura) de que algo ou alguém, além de sentir tal necessidade ou desejo, dispusesse da capacidade e dos meios exigidos para efetuar o percurso.

Para concretizar a ideia em termos miúdos, pode-se pensar no trajeto de nossa própria casa ao nosso local de trabalho: é fácil ver que há certa distância a transpor, digamos, alguns quilômetros; deve-se, porém, ver que o espaço que separa estes lugares configura determinadas condições para sua transposição – certo espaço aéreo, alguns quilômetros de terra, talvez um ou dois rios, e assim por diante. Um bom exercício é pensar que condições tornariam possível para cada um de nós seguir caminhando de casa ao trabalho e vice-versa e, por exemplo, se há um rio no caminho, cruzá-lo a nado. Feito seriamente, este exercício evidencia diferentes ordens de questões, comumente tratadas disjuntamente – por exemplo: se há um rio a transpor, ele pode ser mais ou menos largo e profundo, limpo ou poluído; por outro lado, pode-se ser um bom ou mau nadador, ou

² *Dicionário Latino-Português*, de Geraldo de Ulhoa Cintra e José Cretela Júnior (São Paulo: Ed. Anchieta, 1944).

³ *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (Rio de Janeiro: Lexikon, 2007).

⁴ *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (Rio de Janeiro: Lexikon, 2007).

simplesmente não saber nadar; pode-se não gostar ou estar impossibilitado de caminhar ou nadar por uma limitação orgânica que, por sua vez, pode ser constitucional ou resultante de lesões ou enfermidades, mais ou menos bem tratadas e curadas; pode-se ter um contrato de trabalho estabelecendo um regime de trabalho incompatível com o tempo exigido, ou pode não haver vias apropriadas para fazer o percurso deste modo, e assim por diante. Pode-se sofisticar o exercício pensando em outras trajetórias possíveis para cumprir o mesmo trajeto: dependendo de quais sejam os lugares em questão, muitos pássaros poderiam percorrê-lo voando e talvez alguns humanos o façam a bordo de um helicóptero; outros, pilotando uma bicicleta ou um automóvel, outros, Ainda, embarcados em um ônibus. Cabe alertar: cada possibilidade, certamente implica condições muito estritas relativas ao espaço, ao tempo e aos recursos disponíveis, bem como a quem o tenta percorrer – o que envolve suas características individuais tanto quanto as de seus grupos de pertencimento. Ora, um tal exercício implica tantas variáveis que sempre resultará na identificação de inumeráveis possibilidades e impossibilidades...

Cumpra assinalar, agora, o que há de interessante nesta ideia: o trajeto conjuga diferentes ordens de condições (reitero: comumente tratadas disjuntamente) e, neste sentido, obriga-nos a contemplar a complexidade própria de uma situação dada. Por exemplo, ao falar de “espaço” somos forçados a pensar em territórios (rios, colinas etc.); ao falar de “recursos”, somos levados a pensar em tecnologia (em barcos e carros, por exemplo), e logo em matérias (em madeira, ferro), ferramentas e conhecimentos (para a construção de embarcações – por exemplo, de boçardas⁵ – ou de automóveis); ao falar em “quem” há de percorrer certo espaço para ir de um lugar a outro, pensa-se logo nas características de sua espécie (lembremo-nos dos pássaros e dos homens), de sua cultura e situação social (p. ex., saber construir e pilotar certa embarcação, comprar e dirigir um automóvel ou dispor de um helicóptero), em suas competências adquiridas (p. ex., saber nadar bem, mau ou nem um pouco), nos recursos a que tem ou não acesso, em suas condições físicas atuais, nos seus motivos para empreender o percurso (lembremo-nos dos maratonistas ou, antes, se quisermos acreditar em Heródoto, de Filípides correndo de Atenas à Esparta em busca de socorro para seus conterrâneos), *et cetera*.

Portanto, se a palavra “trajetividade” quer apontar uma qualidade ou estado que é próprio do trajeto, trata-se então da qualidade de situações complexas, nas quais se imbricam diferentes ordens de condições, predispondo certas contingências (possibilidades e impossibilidades)⁶. Disto deriva que a ideia de “trajeto” pode ser relacionada praticamente com todos os ramos do conhecimento: Geografia, Geologia, Física, Biologia, Psicologia, Sociologia, Economia, Política, Urbanismo, Engenharias, enfim, todos. Por outro lado, e igualmente interessante, é que tal ideia oferece um modo válido e potencialmente heurístico de descrever a vida de indivíduos e de populações inteiras, seja no passado, no presente ou em projeções sobre o futuro, em termos dos trajetos que precisam, querem e/ou podem percorrer, e daqueles que efetivamente percorreram, percorrem ou possivelmente virão a percorrer.

Acredito que tal ideia – “trajeto” ou “caminho” – mais do que qualquer outra possa

⁵ “Boçardas” são canoas de um tronco só, utilizadas na pesca tradicional em alguns pontos do litoral carioca e paulista. Assinala-se que, até onde podemos saber, na atualidade há apenas um homem – Mestre “Chonca” – que ainda sabe fazer e restaurar boçardas em toda a região dos lagos, no Rio de Janeiro.

⁶ Igualmente, outra palavra que cumpre apresentar – “trajecção” (trajeção) – quer apontar a ação ou resultado próprio desta condição trajetiva.

franquear a compreensão das relações e interações divisíveis entre o mundo físico e os diversos tipos de seres vivos que o habitam, notadamente o Homem. Sendo assim, não deve surpreender-nos que ela se tenha insinuado em muitos dos grandes espíritos que pensaram sobre as questões humanas, desde os lendários Lao Tse⁷ e Heráclito⁸ e até os dias de hoje. Embora, como já foi dito, não seja o caso de alongar este ponto, caberá lembrar que Heidegger, tratando de meditar sobre a essência da linguagem⁹, envereda pela consideração do “caminho em toda sua amplitude” e chega a dizer: “o caminho é o que nos deixa chegar àquilo que nos demanda”, ou seja, àquilo que “alcança a nossa essência, solicita-a e a deixa, assim, chegar aonde pertence”; aliás, chega mesmo a considerar que “Tudo é caminho”...

Seja ao modo do significante lacaniano, seja ao modo do símbolo junguiano (ou quaisquer outros modos que se queira), fato é que o *caminho* sempre ressoou em meus pensamentos, sempre pleno de afetos, de enigmas e de mistérios. Estava, portanto, inclinada a me deixar encantar pelo pensamento de Augustin Berque¹⁰, sobretudo pelo conceito de *trajecção* (*trajection*)¹¹. Seria um rematado absurdo tentar retraçar nestas poucas linhas a obra de Berque! Isto posto, e apenas para sustentarmos a conversa, adianto que ele define *trajecção* como “combinação medial e histórica do subjetivo e do objetivo, do físico e do fenomenal, do ecológico e do simbólico, produzindo uma mediância”¹². Ou, de outro modo, que ele considera que a natureza do *Homo sapiens* (ou seja, sua *mediância* específica) implica, necessariamente, uma existência marcada por certo modo específico de *trajecção* (ou seja, por um *trajeto mesológico* específico), marcado por dois mo(vi)mentos inseparáveis e complementares que ligam o Homem ao seu meio físico e social imediato e, direta ou indiretamente, a toda a Terra e ao universo: “a exteriorização de nossa

⁷ A despeito das controvérsias históricas que cercam a figura de Lao Tse (ou Laozi) e a autoria do Tao Te Ching (Dao de Jing ou Tao Te King), cabe indicar que o cânon taoísta considera que ele o escreveu mais de um milênio antes da Era Cristã (cf. Wu Jyh Cherng, in: *Tao te Ching: o livro do caminho e da virtude* / Lao Tse; tradução (do chinês) Wu Jy Cherng. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998).

⁸ Por exemplo, no fragmento recuperado de Hippolyte, *Réfutation des toutes les hérésies*, IX, 10, 4: ὁδὸς ἄνω καὶ κάτω μία καὶ ὁμή, que León Robin traduz por “Une route vers en haut et une vers en bas” e Alexandre Costa por “Caminho: em cima, embaixo, um e o mesmo” (In: *Heráclito: Fragmentos Contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários de Alexandre Costa. Difel, 2002).

⁹ Refiro-me às conferências intituladas *Das Wesen der Sprache* (1957); uma versão em castelhano encontra-se disponível em: <http://www.heideggeriana.com.ar/> (acesso em maio de 2014).

¹⁰ Devo o contentamento deste encontro à professora Elaine Rabinovich, a quem quero agradecer publicamente. Antes de mais nada, agradeço pela existência em si de uma pessoa tão entusiasmada e franca; depois, por ela ter me transmitido, anos antes, seu entusiasmo por Bachelard, depois por Berque. Nestes dois casos, quanto mais estudo os pensadores sugeridos mais me sinto convencida de que ela compreendeu, com rara sensibilidade, minhas mal formuladas questões – e isto é uma dádiva deliciosa para quem, como eu, interessa-se apaixonadamente por tudo quanto seja ambivalente, complexo, nebuloso, obscuro, falhado, misterioso e, portanto, tende a enredar-se em questões quase indizíveis.

¹¹ Adota-se a ortografia da tradução dada ao termo por Adriana Serrão, por exemplo, em *Filosofia da Paisagem. Uma antologia* (Lisboa: CFUL, 2011).

¹² BERQUE, Augustin. *Médiance. De Millieux em Paysages*. 2ª ed.. Paris: Belin/Reclus, 2000, p. 48. Chamo a atenção do leitor que, nas formulações citadas, deve-se entender por *medial* tudo o que se refere aos meios humanos (*milieux humains*), que por sua vez são compreendidos por Berque como “relação de uma sociedade com o espaço e a natureza”. Quanto à *mediância* (*médiance*), trata-se do “sentido de um meio; ao mesmo tempo tendência objetiva, sensação/percepção e significação desta relação medial” (Idem).

corporeidade pela técnica e seu repatriamento pelo símbolo”¹³. Assim, este autor aplica a palavra *trajetividade* para caracterizar a qualidade de coisas cuja realidade depende, ao mesmo tempo, de existência física (ou “objetiva”) e mental (ou “subjetiva”); este seria o caso de tudo quanto compõe o mundo humano. Desta forma, compreende-se que ele defina a paisagem como “expressão de uma mediância” – ou seja, expressão do modo singular como um dado lugar é habitado por certos Homens.

Uma passagem de Berque é particularmente útil para o momento e convém citá-la diretamente:

...o termo *trajecção* (*trajection*) foi um neologismo. A ideia veio a mim meditando sobre uma expressão que Gilbert Durand utiliza em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*¹⁴: o “trajeto antropológico”, que ali é definido como “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (p. 38). Além de Durand, a noção refere-se ao trabalho de Piaget, por exemplo em *Introduction à l'épistémologie génétique* (1950), mostrando que as representações do sujeito são construídas por uma série de acomodações ao objeto (...) ¹⁵.

A passagem é preciosíssima, mas deslindá-la exigiria mais que um preâmbulo. Por ora, contento-me em destacar os três nomes que aí se apresentam: Augustin Berque, Gilbert Durand e Jean Piaget. Se a estes acrescentarmos Donald W. Winnicott, penso que teríamos reunido quatro perspectivas necessárias (embora talvez não suficientes) para ultrapassarmos as dicotomizações e escotomizações que soem limitar nossa compreensão da experiência humana sobre a Terra em sua complexidade. Ao longo do livro se verá que estas foram as perspectivas que o Colóquio, que lhe deu origem, tratou de pôr em diálogo...

Mas peço ainda a licença para um último volteio antes de encaminhar-me na direção do próprio livro; antes, é preciso ao menos ampliar a referência feita a Gilbert Durand e ao conceito de *trajeto antropológico*. Com a brevidade que a situação exige, direi que Durand apresenta o *trajeto antropológico*, antes de mais, como um conceito potencialmente articulador dos conhecimentos disponíveis sobre a psicogênese humana, as instituições rituais, o simbolismo religioso, a poesia, a mitologia, a iconografia, em busca da compreensão da gênese, estrutura, dinamismo e função dos símbolos – compreensão que este autor contrapõe explicitamente às explicações lineares que, seja ao modo de uma dedução lógica ou através de uma narrativa introspectiva, eram (e ainda o são) oferecidas pelas diversas ciências que se ocupam do assunto¹⁶. Esta busca culminou

¹³ BERQUE, Augustin. *Raison trajective et dépassement de la modernité – en hommage à Nakamura Yūjirō*. In: *Furansu tetsugaku.shisō kenkyū* (*Revue de philosophie française*), 5, 2000.

¹⁴ Para facilitar a consulta, faço aqui a referência à edição brasileira: DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral* (1960). Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Nesta edição, o trecho de Durand citado por Berque encontra-se na pág. 41.

¹⁵ BERQUE, Augustin. *Médiance. De Millieux em Paysages*. 2ª Ed.. Paris: Belin/Reclus, 2000, p. 41.

¹⁶ Não é preciso me alongar sobre as influências que o impeliram nesta direção. O leitor interessado encontrará facilmente muita literatura a respeito, a começar pelo primeiro capítulo desta coletânea, de autoria do professor Wunenburger, onde estão retraçadas as linhas fundamentais da concepção de Gaston Bachelard sobre a imaginação material. Como o próprio Durand esclarece, “a teoria do *trajeto antropológico* encontra-se implicitamente contida no livro *O ar e os sonhos, de Bachelard* (...)”, para quem os eixos das intensões fundamentais da imaginação (produtora de símbolos) são “os *trajetos dos gestos principais do animal humano em direção ao seu meio natural, prolongado*

no delineamento de um trajeto antropológico do imaginário, que se constituiu em um conceito metodológico capaz de apreender, de acordo com as suas próprias palavras, já antes aqui transcritas em meio à minha citação do geógrafo Berque, *a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social*. Este conceito apoiou-se na ideia de que existe uma gênese recíproca que se estabelece a partir das relações entre o gesto pulsional e o meio material e social, e vice-versa; sendo que é neste intervalo, neste caminhar que se forma a partir de relações reversíveis, que deve se instalar a investigação antropológica. Nas palavras de Durand:

Afinal, o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget¹⁷, as representações subjetivas se explicam “pelas acomodações anteriores do sujeito” ao meio objetivo.

E, adiante, acrescenta:

Podemos dizer, parafraseando a equação de Lewin¹⁸, que o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio! (Durand, 2002; p. 41).

Colocado dessa maneira, o trajeto antropológico pode, de forma indistinta, partir tanto da cultura como do natural psicológico, já que o que existe de essencial da representação e do símbolo se estabelece entre esses aspectos reversíveis da realidade. Importa sublinhar que esta formulação trajetiva do imaginário permite compreender, melhor que as abordagens explicativas lineares, o notável poder dos símbolos de ligarem os elementos mais díspares e até inconciliáveis desde um ponto de vista positivista, e de ultrapassarem as segregações geográficas, sociais, históricas e culturais.

Estou consciente de que, ao apresentar os conceitos de “trajeto mesológico” (Berque) e de “trajeto antropológico” (Durand) tão rapidamente, arrisquei-me a torná-los obscu-

diretamente pelas instituições primitivas tanto tecnológicas como sociais do homo faber”; mas, prossegue, “este trajeto é reversível (pois) qualquer gesto chama a sua matéria e procura o seu utensílio” e, ao reverso, “toda a matéria extraída, quer dizer, abstraída do meio cósmico, e qualquer utensílio ou instrumento, é vestígio de um gesto passado” (p. 41-42 da obra citada).

¹⁷ Durand refere-se ao livro de Jean Piaget, *A Formação do Símbolo na Criança. Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação*, publicado no Brasil com tradução de Álvaro Cabral (Rio de Janeiro: Zahar, 1978). Penso que esta passagem permite afirmar que Durand reconhece que a teoria do trajeto antropológico (além de encontrar-se implicitamente contida na obra de Bachelard, conforme a nota anterior), encontra-se subjacente também à concepção de Jean Piaget acerca da gênese de todas as formas de pensamento representativo (imitação, jogo simbólico e representação cognitiva) que, segundo ele, desdobram-se solidariamente ao longo do desenvolvimento, posto em marcha pelo funcionamento da estrutura biológica de um organismo que responde às solicitações exógenas, em função do equilíbrio progressivo dos dois polos adaptativos, a saber: a assimilação e a acomodação (conforme, p.ex., as afirmações de Piaget à pág. 345 e seguintes do livro citado acima).

¹⁸ Aqui, Durand faz menção ao livro de Kurt Lewin, *Princípios de Psicologia Topológica*, publicado no Brasil em tradução de Álvaro Cabral (São Paulo: Cultrix / Edusp, 1973). Nesta edição, a formulação da equação parafraseada por Durand encontra-se na pág. 27 e seguintes (tópico “A Representação Construtiva da Situação”). Resumidamente: “Todo e qualquer evento psicológico depende do estado da pessoa e, ao mesmo tempo, do ambiente (...). Assim, podemos estabelecer a nossa fórmula (...) para todos os eventos psicológicos como $C = f(PA)$ ” – sendo que $C = o$ comportamento ou qualquer evento mental, $P = pessoa$ e $A = ambiente$.

ros – isto se não os deturpei. Mas garanto: não o fiz por selvageria¹⁹; apenas queria, e espero ter conseguido, mostrar ao leitor que uma perspectiva trajetiva pode render considerável avanço para as ainda chamadas “Ciências Humanas”. Esta é, a meu ver, a abordagem mais promissora para a compreensão do modo como construímos, conhecemos e habitamos nosso mundo, pois chama nossa atenção para, por exemplo, o modo como os objetos e eventos físicos são percebidos pelos seres vivos; o modo como as condições internas dos organismos, bem como as condições do ambiente externo, afetam seu comportamento; o desenvolvimento da afetividade e dos vínculos no contexto dos contatos intraespecíficos; a gênese e o desenvolvimento das capacidades cognitivas, simbólicas e expressivas; as semelhanças e diferenças entre os homens e os outros animais, bem como entre diferentes grupos humanos; as características das interações interindividuais, intragrupo e intergrupo; em suma, tudo quanto caracteriza, determina ou condiciona os modos de ser, viver e conviver dos animais e dos homens. Parece-me imprescindível conhecer estes elementos para que se possa vir a enveredar por um *caminho em direção ao reencantamento de nossa estadia sobre a Terra*²⁰...

Passa da hora de terminar este preâmbulo; sei que o leitor já estará impaciente. Caberia, é certo, *alinhar* as contribuições aportadas ao Colóquio pelos participantes convidados, mas não o farei – por ora, ainda está acima das minhas forças prender, mesmo que com pontos largos e facilmente desfazíveis, as ideias que ali foram apresentadas²¹. Em vez disso, apenas anteciparei algumas questões e incômodos recorrentes, despertados pela proposta trajetiva que são tratados no livro. Se o leitor quiser, imagine que estou a lhe oferecer retalhos com os quais ele bem poderá costurar um belo *patchwork*: a questão do(s) tempo(s), dos lugares (a casa, a cidade, a Terra), das pulsões e dos medos (sobretudo da violência e da morte), das necessidades e dos desejos, a questão sobre como encontrar um critério para a ética (o Bom, o Justo ou o Natural?), os ritos, hábitos e condutas voluntárias e/ou sintomáticas, a linguagem, a narrativa, os símbolos e a correlativa questão hermenêutica, a(s) crise(s) que desafia(m) a contemporaneidade e as possíveis intervenções que pode(ria)m contribuir para sua superação...

Tenho ainda a lastimar o fato de que alguns estudiosos que contribuíram para os diálogos entretidos em nosso Colóquio, por diversas razões, não estão representados nas páginas que se seguem. Mas quero lembrar seus nomes, à guisa de referência, para que o leitor os possa procurar: Adriana Veríssimo Serrão, a quem devo muito do que posso falar a respeito de Paisagem; Leonel Ribeiro dos Santos, que nos brindou com uma belíssima conferência sobre a perspectiva kantiana acerca da relação do homem com a natureza e o cosmos; Yves Durand, que generosamente compartilhou conosco os resultados de seus estudos experimentais com o AT-9 (Teste Arquetipal com Nove Elementos)

¹⁹ Aliás, invoco como atenuante a prudência com que me absteve quase inteiramente de tentar assinalar a perspectiva claramente trajetiva do pensamento de Piaget, e inteiramente no caso de Winnicott – além de outros que sequer mencionei, como, em alguma medida, é o caso de José Bleger quando trata dos níveis de integração da conduta...

²⁰ A expressão destacada em itálico corresponde ao título de uma intervenção do professor J.J. Wunenburger, publicada em: *Donner lieu au monde : la poétique de l'habiter. Actes du Colloque de Cerisy-la-Salle. Sous la direction de Augustin Berque, Alessia de Biase et Philippe Bonnin*. Paris: Editions Donner Lieu, 2012.

²¹ Num preâmbulo clássico é, na verdade, costume aparecerem os resumos dos textos publicados na obra; no entanto, foi aqui nossa intenção oferecer mais um preâmbulo de tipo reflexivo. Tanto mais que o leitor avisado poderá sempre ler em diagonal os diferentes estudos que constituem a presente obra para ficar com uma ideia das suas temáticas e consequentes direções.

em relação com a emergência das paisagens imaginárias; Zeljko Loparic, que nos trouxe elementos da teoria winnicottiana para pensarmos a ética da lei e a ética do cuidado; Danilo Silva Guimarães, que discutiu conosco alguns dos desafios colocados à pesquisa de fenômenos psicossociais pela psicologia cultural.

Finalizando, digo ao leitor que o livro em suas mãos consiste, em suma, de reflexões sobre o imaginário, a paisagem e a narratividade. Podem parecer, à primeira vista, bastante heterogêneas. Inobstante, professo minha convicção de que a perspectiva trajetiva as unifica ou, dizendo de outro modo, parece-me que, cada um ao seu modo e em seu próprio jargão, todos os autores consideram que o imaginário, a paisagem e as narrativas são fenômenos trajetivos, que estabelecem e sustentam os vínculos entre os níveis individuais e coletivos, subjetivos e objetivos, físicos e fenomênicos *et cetera* da vida humana, condicionando o estabelecimento (e a mudança) de hábitos, relações de alteridade e responsabilidade socioambiental – ou seja, condicionando nossos modos de habitar o mundo. Como última palavra, pergunto: o que há de mais importante para estudar no momento presente?

PARTE I

Paisagem, Imaginário e Narratividade